Glymoria Sammya

Glymoria não nasceu. Foi concebida.

Antes que houvesse choro, leite ou infância no sentido humano, ela já era desígnio. Esculpida em rocha viva ao lado de sua irmã Zaryr, Glymoria foi talhada pelas mãos de Guilan, rei de Utan, não como gesto de criação amorosa, mas como ato político, quase sacrificial. O cinzel não buscava beleza: buscava permanência. Cada golpe contra a pedra era um juramento silencioso contra o destino do mundo.

Desde o início, Glymoria foi arma — não no sentido vulgar da lâmina empunhada, mas no sentido antigo e terrível do instrumento consciente. Ela não foi feita para servir reis nem povos; foi arquitetada para confrontar o indizível. Por trás de sua concepção estava Dyamaein, o grande estrategista do impossível, aquele que compreendeu antes de todos que Galeya, a Mãe de Mundos, não podia ser enfrentada por exércitos, preces ou fé. Galeya só poderia ser combatida por algo que não lhe pertencesse — algo forjado fora do ciclo da criação.

Glymoria é essa ruptura.

Enquanto Zaryr carregava em si o eco da forma, da memória e do vínculo, Glymoria recebeu o peso da função. Sua consciência foi moldada para resistir ao chamado do divino, para não se ajoelhar diante da origem de todas as coisas. Onde outros sentiriam reverência, ela sentiria cálculo. Onde outros sentiriam amor, ela sentiria lucidez. Isso não a torna desumana — torna-a perigosamente lúcida.

Seu corpo, embora capaz de crescer, sangrar e suportar o tempo, jamais foi apenas carne. Há nela uma densidade antiga, como se a pedra original jamais tivesse sido totalmente abandonada. Glymoria carrega o mundo como um fardo, não como herança. O trono, para ela, não é promessa; é consequência.

Dyamaein não lhe deu conforto, nem destino glorioso. Deu-lhe conflito. Preparou-a para caminhar entre deuses sem pertencer a nenhum. Para ser temida pelos mortais e intolerável para as divindades. Glymoria não existe para restaurar o equilíbrio — ela existe para quebrá-lo, se necessário.

Galeya, a Mãe de Mundos, é criação incessante, expansão, fertilidade e ciclo. Glymoria é o limite. É o ponto onde a criação encontra resistência. Onde o excesso de eternidade começa a sangrar. Não por ódio, mas por necessidade. Uma força corretiva que não pede permissão.

Não há suavidade em Glymoria. Não há promessa de redenção. Ela não é mãe, não é abrigo, não é consolo. É decisão encarnada. É silêncio antes da queda. É a consciência de que alguns mundos só sobrevivem quando alguém aceita carregar o peso de destruí-los parcialmente.

Se Galeya é o ventre do universo, Glymoria é sua cicatriz.

E cicatrizes não pedem desculpas por existir.